

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC**  
**CURSO DE ARTES VISUAIS**  
**DAIANI BONETTI**

**A PRODUÇÃO ARTÍSTICA A PARTIR DO ARTESANATO: UM  
OLHAR SOBRE AS FRONTEIRAS ENTRE A ARTE E O  
ARTESANATO**

**CRICIÚMA, JULHO DE 2011**

**DAIANI BONETTI**

**A PRODUÇÃO ARTÍSTICA A PARTIR DO ARTESANATO: UM  
OLHAR SOBRE AS FRONTEIRAS ENTRE A ARTE E O  
ARTESANATO**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito parcial para  
obtenção do título de Bacharelem Artes  
Visuais pela Universidade do Extremo Sul  
Catarinense – UNESC.

Orientadora: Angélica Neumaier

**CRICIÚMA, JULHO DE 2011**

**DAIANI BONETTI**

**A PRODUÇÃO ARTÍSTICA A PARTIR DO ARTESANATO: UM  
OLHAR SOBRE AS FRONTEIRAS ENTRE A ARTE E O  
ARTESANATO**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito parcial para  
obtenção do título de Bacharel em Artes  
Visuais pela Universidade do Extremo Sul  
Catarinense – UNESC, com linha de  
pesquisa em Processos e Poéticas.

---

Prof. e Orientadora, Angelica Neumaier

Esp. Em Design para Estamparia – UFSM e Esp. em Ensino da Arte - UNESC  
Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC

---

Prof. Esp. Marlene Milanes Just.

Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC

---

Prof. Esp. Maria Salete Carradore Fernandes, Educação Estética, Artes  
e as perspectivas contemporâneas - UNESC

Dedico este importante trabalho à  
minha família, em especial à minha  
irmã, Andressa Bonetti.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, que sempre esteve comigo.

Ao meu pai, Abel, por sua compreensão.

Agradeço a minha mãe, Marlene, por ser uma verdadeira amiga.

Agradeço a minha irmã, Andressa, pela paciência e companheirismo.

Agradeço a minha orientadora Angélica, pela atenção especial, dedicação e colaboração para a realização deste trabalho e da obra de arte.

Agradeço a todos os professores, pelos conhecimentos repassados.

Agradeço, por fim, aos meus colegas, pela companhia e amizade.

“[...] o artesanato ganha, cada vez mais, o caráter de manifestação artística, amplia seu alcance e alarga fronteiras, tendo se transformado em importante fonte de criação. Ele expressa a experiência regional das comunidades, seu modo de fazer, sua vivência particular, enfim, seu modo de vida.” (FAJARDO, 2002, p. 8).

## RESUMO

O artesanato, há muito tempo, caminha ao lado da arte. Assim como a história da própria humanidade, também a arte e o artesanato sofreram incontáveis mudanças, acompanhando a evolução do próprio homem. Desta forma, procurar-se-á, aqui, levantar alguns questionamentos inerentes a este assunto. Para isso, seguirá o seguinte objetivo: produzir um objeto de arte a partir de uma peça de artesanato a fim de lançar um olhar sobre as fronteiras que existem entre a arte e o artesanato. O problema que norteia a pesquisa é o seguinte: É possível minimizar - ou até mesmo extinguir - as fronteiras entre a arte e o artesanato através da criação de um objeto de arte a partir de uma peça de artesanato? Para tanto, será realizada uma pesquisa embasada nos teóricos que refletem este tema e, ainda, na fala das artesãs que compõem o Clube de Mães de Forquilha/SC. A metodologia estará centrada numa pesquisa qualitativa, bibliográfica, participante e de campo. Os dados serão coletados através de questionário e interpretados à luz dos teóricos que embasam esta pesquisa.

**Palavras-chave:** Arte. Artesanato. Produção Artística.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Crochê.....	40
Figura 2: Beatriz Milhazes em seu ateliê no Rio de Janeiro.....	43
Figura 3: Pintura de beatriz Milhazes .....	43
Figura 4: A artesã, a orientadora e a pesquisadora na escolha da peça de crochê. .	45
Figura 5: Crochê desenvolvido pela Prof. Esp. Maria Salete Carradore Fernandes .	45
Figura 6: Crochê desenvolvido pela Prof. Esp. Maria Salete Carradore Fernandes .	46
Figura 7: Crochê desenvolvido pela Prof. Esp. Maria Salete Carradore Fernandes .	46
Figura 8: Fotolito desenvolvido através da peça de crochê .....	47
Figura 9: Fotolito desenvolvido através da peça de crochê .....	47
Figura 10:Fotolito desenvolvido através da peça de crochê .....	48
Figura 11:Fotolito desenvolvido através da peça de crochê .....	48
Figura 12: Fotolito com impressão de crochê.....	49
Figura 13: Gravura das teas serigráficas através dos fotolitos.....	49
Figura 14: Tela serigráfica com impressão de crochê.....	50
Figura 15: Processo de impressão dos desenhos através da tela serigráfica.....	51
Figura 16: Tela serigráfica após impressão.....	51
Figura 17: Costura do suporte-tecido .....	52
Figura 18: Processo de confecção das peças de crochê para aplicação.....	52
Figura 19: Processo de realização do objeto de arte .....	53
Figura 20: Processo de realização do objeto de arte .....	53
Figura 21: Detalhe do objeto de arte .....	54
Figura 22: Detalhe do objeto de arte .....	54
Figura 23: Objeto de arte intitulado “Objeto/Crochê I” .....	55
Figura 24: Objeto de arte intitulado “Pintura/Colagem II” .....	56
Figura 25: Detalhe “Pintura/Colagem II” .....	56

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

UNESC – Universidade do Extremo Sul Catarinense

CRAS – Centro de Referência da Assistência Social

COMEN – Conselho Municipal de Entorpecentes

SENAR – Serviço Nacional de Aprendizagem Rural

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>14</b>
2.1 A DIFÍCIL TAREFA DE CONCEITUAR ARTE .....	14
2.2 ARTESANATO: HISTÓRICO E CONCEITOS.....	16
<b>2.2.1 O artesanato enquanto gerador de renda .....</b>	<b>18</b>
<b>2.2.2 O artesanato enquanto terapia ocupacional .....</b>	<b>19</b>
<b>2.2.3 O artesanato enquanto forma de expressão artística pessoal.....</b>	<b>20</b>
<b>2.2.4 O artesanato enquanto instrumento de integração social .....</b>	<b>22</b>
2.3 AS FRONTEIRAS ENTRE A ARTE E O ARTESANATO – UMA DISCUSSÃO QUE NÃO ACABA EM SI .....	24
2.4 O CLUBE DE MÃES: UM BREVE HISTÓRICO .....	28
<b>2.4.1 Um olhar sobre o artesanato produzido no Clube de Mães: ações sociais em busca da inclusão e socialização .....</b>	<b>30</b>
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>32</b>
3.1 O PROCESSO QUE GUIOU A PESQUISA .....	32
<b>4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS.....</b>	<b>34</b>
<b>5 PRODUÇÃO ARTÍSTICA - CRIAÇÃO DO OBJETO DE ARTE .....</b>	<b>40</b>
5.1 OS CAMINHOS DO ARTESANATO .....	40
5.2 OS CAMINHOS DA ARTE E O PROBLEMA DE PESQUISA .....	41
<b>5.2.3 A arte de Beatriz Milhazes .....</b>	<b>42</b>
5.3 A CRIAÇÃO DO OBJETO DE ARTE .....	44
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>59</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>61</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>63</b>
<b>APÊNDICE A.....</b>	<b>64</b>
<b>QUESTIONÁRIO.....</b>	<b>64</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O artesanato é uma maneira de fazer objetos, existente há milênios. Historicamente, toda a Antiguidade foi assim construída e até a Idade Média europeia essa foi a forma pela qual a humanidade se fez. E porque durante muito tempo essa foi a única maneira de confeccionar objetos, quando nos referimos a esse longo período de hegemonia do artesanato, o termo é, ainda, utilizado nos moldes do pensamento antigo.

Embora não percebamos, os objetos artesanais continuam a ser produzidos e convivem com os produtos da indústria, compondo o dia-a-dia de cada um de nós. Inclusive, pode-se perceber, nas últimas décadas, o ressurgir do interesse pelos objetos feitos à mão - que alcançam altos preços de mercado.

O usual conceito de artesanato, aquele conceito popular, de domínio público, diz que a palavra artesanato significa um fazer ou o objeto que tem por origem o fazer eminentemente manual. Ou seja, qualquer que for a definição, comumente atribuirá este fazer às mãos do artesão que, habilidosamente, executa o trabalho.

Dentro desta reflexão, muitas das pessoas, de acordo com o mesmo conceito popular, costumam atribuir à arte e ao artista semelhante definição, pois o artista deve ser habilidoso e saber trabalhar com as mãos para produzir objetos eminentemente belos, sendo que, o que importa, é o fazer com as mãos, o fazer manual.

Este fazer usualmente é atribuído a um “dom” que recebe o artista. Portanto, só poderia receber tal denominação quem, por desenvolvimento de habilidades ou por mero “merecimento divino”, possuísse tais características, inerentes ao “artista”.

Não é necessário ir muito longe para ouvir afirmações próximas a estas citadas acima. Os conceitos de arte, artesanato, artista e artesão estão entranhados há séculos na história e dificilmente sairão destes moldes de uma hora para outra.

Outros conceitos contemporâneos destes termos já foram formulados, entretanto são, ainda, conceitos elitizados e, de certa forma, distantes da maioria das camadas populares.

A arte contemporânea, com seus conceitos e trejeitos, ainda causa estranhamento até mesmo no seletor público alvo das exposições. As mudanças que

ocorreram também na arte – refletindo questões sociais, políticas e culturais, por exemplo – demonstram a mudança do comportamento do próprio homem, mas não somente deste, pois são vários os elementos entranhados nesta mudança.

A razão de ser desta pesquisa, também, reside no fato de que, no momento em que a produção recebe o nome de “arte” e não mais de “artesanato”, ela torna-se socialmente mais aceita e, como consequência, economicamente mais valorizada. Ora, o estabelecimento destas fronteiras é fruto da sociedade atual e não é específica do campo estético, moral ou intelectual, mas encontra-se culturalmente instalado na atual sociedade. Esta discussão se estende aos termos “cultura erudita” e “cultura popular”, numa distinção que, muitas vezes, esbarra-se em conceitos hierárquicos da própria sociedade, que diz que o artesanato emerge das camadas menos favorecidas e a arte é fruto das elites sociais.

Pouco se fala da distância entre a arte e o artesanato mediante as características reflexivas e intelectuais presentes na produção, no produto em si. Quando produz artesanato, o artesão não inclui em sua produção elementos intelectuais, como por exemplo, os conceitos sobre os quais emergem as artes contemporâneas. Enquanto o artista preocupa-se com questões filosóficas, sociais, existenciais, o artesão usa-se de elementos puramente estéticos e decorativos, por exemplo.

E é neste ambiente de questões tão atuais que surge esta pesquisa, que não pretende esgotar em si estes tão importantes questionamentos. Não cabe, aqui, determinar o que exatamente é o terreno da arte ou do artesanato e nem seria possível tal pretensão. A intenção é levantar possíveis questionamentos e saber o que pensa da arte as artesãs, por exemplo.

Portanto, esta pesquisa não buscará respostas apenas no campo científico, à luz da literatura aqui utilizada; e sim fará uma ponte entre o saber elitizado – o que consta nos livros escritos por variados estudiosos de arte – e o que trazem as mulheres artesãs – embasadas na cultura popular e no saber não sistematizado.

É neste meio que surgirá, como protagonista, uma obra de arte, erguida sobre os pilares não só da arte, mas também do artesanato, em busca de um diálogo entre ambos os termos. É esta obra que trará à tona os mais variados questionamentos, embasados em afirmações científicas e populares, numa tentativa lúdica de exemplificar a existência – ou não – das fronteiras entre a arte e o artesanato.

Para tanto, o problema que embasa esta pesquisa é o seguinte: É possível minimizar - ou até mesmo extinguir - as fronteiras entre a arte e o artesanato através da criação de um objeto de arte a partir de uma peça de artesanato?

Da mesma forma, o objetivo geral desta pesquisa é produzir um objeto de arte a partir de uma peça de artesanato – crochê - a fim lançar um olhar sobre as fronteiras que existem entre a arte e o artesanato. Entretanto, não pretende-se, aqui, esgotar este tão polêmico questionamento, que existe de longa data.

Como objetivos específicos, têm-se os seguintes: aprofundar o estudo teórico da arte e do artesanato, relacionando o saber científico à sabedoria popular das mulheres questionadas; conhecer o contexto do Clube de Mães de Forquilha, verificando os trabalhos confeccionados pelas integrantes do grupo – especialmente a produção da peça de crochê utilizada para a construção do objeto artístico; e investigar, através de questionários, a fala das mulheres/mães integrantes dos grupos, no que tange aos pormenores de sua produção.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 A DIFÍCIL TAREFA DE CONCEITUAR ARTE

Assim como a história da própria humanidade, também a arte sofreu incontáveis mudanças, acompanhando a evolução do próprio homem. Desta forma, a arte tem funcionado como uma espécie de sinalizador dos tempos: “[...] ela se transforma de acordo com a realidade de quem a produz e reflete o tempo e o contexto cultural em que o artista vive.” (FAJARDO, 2002, p. 16).

Os conceitos de arte e de artesanato têm-se transformado ao longo do processo histórico e, nesse percurso, ambos passaram e passam por momentos, muitas vezes, semelhantes.

A este respeito, Mattos (2011, p. 11) diz que apenas no final do séc. XIX é que popularizou-se a expressão “artista” e “arte”, também “artesão” e “cientista”, discriminando o ofício que pertence a cada um. Nesta época, a arte passou a ser concebida como o conjunto de bens “espirituais” nos quais a forma predomina sobre a função e o belo sobre o útil, que até então confundia-se facilmente com a denominação “artesanato”. Ainda, o autor destaca que “a ela se atribuiu uma pretensa autonomia, associada a noção de uma produção com certa gratuidade de propósito, e definiu-se a ideia do gênio criador, produtor de peças únicas, não-repetíveis”. Este seria o momento histórico em que a arte se dissocia do artesanato.

Quanto ao conceito de arte que se molde à contemporaneidade, Tolstoi (2002, p. 65), em seu livro “O que é arte?” afirma que “Uma definição objetiva da arte não existe; as existentes [...] resumem-se a uma mesma definição subjetiva, que, por mais estranho que possa ser é a visão da arte como manifestação da beleza, e da beleza como aquilo que agrada [...]”. O autor segue afirmando que, por mais que se tenha escrito “montanhas de livros sobre o assunto, até hoje não foi feita uma definição precisa de arte” (TOLSTOI, 2002, p. 69). A razão, conforme ele,

é que, para definir arte, é quase sempre incluído o conceito de beleza, e, por isso, não há como se chegar a um consenso.

Da mesma forma, Shusterman (1998, p. 21) afirma que a definição de arte tem sido um problema constante para a filosofia: “O que é arte? Há tempos a teoria estética tenta responder a esta questão, mas nenhuma das definições oferecidas até o momento provou ser filosoficamente satisfatória, assim como nenhuma goza de aprovação unânime”.

Além de relatar a dificuldade evidente em trazer tal definição, Tolstoi (2002, p. 73) diz que “[...] com a arte as pessoas transmitem seus sentimentos umas às outras”, sendo que o outro, ao receber os sentimentos expressos através da arte, tem a oportunidade de senti-los da mesma forma que o artista, ou ainda, de recriá-los. “A atividade da arte se baseia nesta capacidade que as pessoas têm de ser contagiadas pelos sentimentos das outras pessoas” (p. 74).

Desta forma, independente de sua definição, a arte pode ser um canal de expressão. Para Tolstoi, “[...] a arte é a manifestação da emoção (*émotion*) comunicada externamente por uma combinação de linhas, formas e cores, ou numa sequência de gestos, sons ou palavras, sujeitos a certos ritmos” (2002, p. 55). Da mesma forma, Paul Signac, *apud* Moraes (2002, p. 217) diz que

A melhor maneira de compreender um quadro é saber por que e para que ele expressa, é saber e compreender como este quadro foi concebido, sentido, por que e por quais meios ele foi realizado assim. Compreender a significação de um quadro é dividir a emoção e o trabalho do pintor diante do motivo.

Quanto ao conceito de artista, nos parâmetros atuais, Beuttenmüller (2002, p. 93) demonstra sua mudança histórica, acompanhando as transformações artísticas e sociais, onde o artista se distancia, de certa forma, das atividades puramente técnicas e passa a apropriar-se de elementos conceituais. Desta forma, não há mudanças apenas no artista, mas diretamente em sua obra, que constitui-se num canal de expressão ética e conceitual e não mais numa reprodução técnica.

O artista atual não é mais o pintor, desenhista, escultor ou gravador. Ele é só artista. Experimenta todo tipo de linguagem, de conceito, de material, etc. Esta é a grande mudança visível da arte atual. A linguagem do artista contemporâneo faz menção a conceitos da

História da Arte, discute o suporte, o volume, a própria definição de arte, além de usar símbolos e signos próprios.

Nesta fala, pode-se incluir o que diz Brito (2003, p. 51), quando afirma que o trabalho do artista contemporâneo traduz-se no “exercício experimental da liberdade, ao compreender o primado da ideia sobre as propriedades estéticas do objeto na arte contemporânea”. Está aí um dos motivos de ser tão difícil encontrar um conceito de arte que a traduza, pois apenas um único conceito provavelmente não contemplará uma definição para a arte antiga, moderna e contemporânea, por exemplo.

## 2.2 ARTESANATO: HISTÓRICO E CONCEITOS

Assim como a arte, o conceito de artesanato também sofreu transformações. Porém, estas não foram tão evidentes quanto na arte. O que mudou, na verdade, foi o papel social do artesão e do artesanato no decorrer da história.

Um dos conceitos diz o seguinte:

O artesanato, propriamente dito, está aqui entendido como toda atividade produtiva que resulte em objetos e artefatos acabados, feitos manualmente ou com a utilização de meios tradicionais ou rudimentares, com habilidade, destreza, qualidade e criatividade, entre os quais se destacam os trabalhos manuais e a arte popular. (INSTITUTO INTERAMERICANO DE COOPERAÇÃO PARA A AGRICULTURA, 2004, p. 95)

Para Chiti *apud* Motta (*et al*, 2008), o conceito de artesanato consiste em “trabalho feito à mão, ensinado a aprendizes por um mestre de artes e ofícios.” Já a palavra artesão, segundo o autor, é empregada desde a Antiguidade, sendo também empregada na Idade Média, no Renascimento, na Idade Moderna e no período industrial. Conforme o autor, hoje, a produção artesanal ressurgiu como importante

função laboral e ocupacional, que permite a inclusão ao mercado de trabalho, a criação de novas ocupações e a geração de renda. Para Motta (2008, p. 11),

O uso direto das mãos é um dos quesitos definidores do artesanato, mas isso não significa que o artesão não possa utilizar ferramentas. Cada técnica de artesanato recorre a instrumentos apropriados. [...] Os instrumentos do artesão não são, necessariamente, nesse caso, meras extensões da mão. Foram constituídos a partir da ação humana sobre os materiais, numa sorte de inspiração técnica. Assim se criam os instrumentos específicos de cada técnica, e um martelo é instrumento diferente no ofício de sapateiro e no ofício de escultor. A apropriação dos materiais disponíveis em cada ambiente também ilustra a dinâmica das práticas da cultura.

O autor *op cit* afirma, ainda, que o termo “artesão” se tornou cada vez mais especializado para definir todo o trabalho feito à mão que não envolva, diretamente, as questões intelectuais e criativas, tal qual acontece na arte. Embora criativo, o trabalho do artesão não vai de encontro a estes propósitos, resultando em uma produção quase que puramente estética e, muitas vezes, utilitária.

Atualmente, tende-se a considerar que o verdadeiro artesanato “[...] é aquele em que a qualidade e a admiração causada pelos seus produtos denotam o peso de uma técnica”. (MATTOS, 2010, p. 13).

Quanto ao surgimento do artesanato, historicamente falando, Fajardo diz que, “[...] mesmo antes de reproduzir nas rochas os animais de que se alimentavam, nossos ancestrais já usavam a imaginação para criar adornos: dentes de mamute trabalhados, chifres de rena, algumas pequenas peças de madeira e estatuetas femininas de pedra.” (FAJARDO, 2002, p. 12).

Segundo Fajardo (2002), ao domesticar animais e iniciar o cultivo dos cereais, o homem começou a se estabelecer em aldeias, surgindo, assim, uma série de invenções, como a roda, a cerâmica, a tecelagem e a fiação. Depois de utilizar a rocha e a argila como base para suas pinturas, o homem partiu para novas experiências. Com isso, criou uma variedade de suportes, como placas de cobre, couro, entre outros.

Como diz Mattos (2010, p. 7), “É certo que o lugar do artesanato mudou, na época moderna. Nas sociedades pré-industriais, era uma atividade fundamental. Utensílios, móveis, roupas, as coisas todas eram feitas uma a uma e à mão, antes da era da máquina”. Entretanto, continua, nos dias de hoje, muito presente

enquanto herança cultural, pois “O desenvolvimento moderno não suprimiu as culturas tradicionais” (MATTOS, 2010, p. 7). Ao contrário, ocorreu uma renovação dos ofícios artesanais, que sofreram adaptações a fim de dialogarem com o contexto atual. E é por este fato que o autor *op cit*, conclui, afirmando que “[...] assim muito artesanato reencontrou seu vigor” (p. 7).

O que pode-se afirmar é que facilmente percebe-se que o artesanato acompanha o desenvolvimento e a evolução da sociedade, a ponto de acompanhar a evolução do próprio homem.

### **2.2.1 O artesanato enquanto gerador de renda**

O artesanato resistiu ao tempo, principalmente, por se tratar de uma atividade rentável e acessível a grande parte da população. Através do domínio de técnicas, ele pode ser desenvolvido por qualquer pessoa que obtenha um resultado satisfatório em sua facção.

Por estes e outros motivos, o artesanato vem se destacando enquanto atividade geradora de renda, via de regra, principalmente nas populações menos favorecidas economicamente. Assim, sua importância pode ser traduzida em alguns números:

A importância do artesanato no Brasil se traduz pelo contingente de 8 milhões de brasileiros artesãos que, juntos, geram 28 bilhões de reais, que representam 2,8% do PIB nacional. Assim, transformando materiais e produzindo mercadorias, o artesanato está mostrando que o brasileiro tem criatividade e um imenso patrimônio étnico e cultural. (INSTITUTO INTERAMERICANO DE COOPERAÇÃO PARA A AGRICULTURA, 2004, p. 95).

Muitas pessoas já descobriram no artesanato uma boa fonte de renda. “De qualquer forma, para aquelas pessoas que possuem certo talento para o artesanato, seja com roupas, objetos, bolsas, enfeites e até bijuterias, esta pode ser uma nova e promissora forma de ganhar um bom dinheiro.” (MARTINS, ano, p. 97). Assim, pode-

se dizer que esta atividade está marcada por um grande potencial econômico, sendo que este segmento só vem crescendo.

Segundo Mattos (2010, p. 13), ao comercializar um objeto de artesanato, o que compõe seu preço final, via de regra, é o tempo e a paciência gastos em sua elaboração, “enquanto seu valor cultural é menos importante”.

Como já é uma atividade historicamente cultural, o fato é que, dificilmente, será uma atividade extinta, principalmente pelo fato de que, além de todos os atributos a ele designados, o artesanato é, ainda, uma importante fonte de renda.

## **2.2.2 O artesanato enquanto terapia ocupacional**

Para Pádua e Magalhães (2003), a terapia ocupacional é uma ciência que tem como sujeito e objeto de seu conhecimento, o homem. Esta dirige-se à natureza humana do homem. É uma ciência que, procedendo por meio de uma interpretação, irá buscar compreender os múltiplos sentidos do homem, presentes em seus fazeres, suas atividades, suas obras, enfim, nos símbolos por ele construídos.

Esta ciência é, ainda, considerada recente, haja vista que, “em termos de história da ciência, a organização destes campos de atuação da terapia ocupacional; de fato, no Brasil, só a partir dos anos 80 começa a esboçar-se a expansão da atividade profissional [...]”(PÁDUA e MAGALHÃES, 2003, p. 33). Ainda, conforme as autoras, somente após a década de 90 é que a terapia ocupacional foi de encontro à demanda por programas sociais variados.

Abaixo, as autoras citam algumas funções da terapia ocupacional:

Cabe, portanto, ao terapeuta ocupacional, como um dos trabalhadores sociais e da saúde, favorecer, em termos gerais, a organização do coletivo e assim possibilitar a construção da cidadania plena. Contudo, para a constituição do sujeito de direitos e do sujeito coletivo, torna-se necessária, primeiro, a constituição do sujeito, isto é, daquele que deseja e sonha, pensa e faz, se expressa e cria, confia e tem prazer na sua capacidade de criação, expressão e produção. (PÁDUA e MAGALHÃES, 2003, p. 33).

Na terapia ocupacional, o trabalho humano sempre foi uma atividade altamente valorizada, “[...] a ponto de ser quase comparado a um remédio, a algo benéfico a si mesmo.” (CARLO e BARTALOTTI, 2001, p. 167). É nesta atividade que estão presentes os elementos que trabalham a terapia.

Esse é o eixo em torno do qual a terapia ocupacional social deve ser pensada: é nele que o sujeito e o coletivo se encontram, é nele que se procura resgatar a possibilidade de construção da ação humana por meio da organização e da manifestação do coletivo [...]. (PÁDUA e MAGALHÃES, 2003, p. 34).

Ainda, de acordo com Carlo e Bartalotti (2001, p. 162), a terapia ocupacional tem o papel de promover a reabilitação, a prevenção de futuras sequelas e a promoção social e da saúde, utilizando-se do recurso da análise e aplicação das atividades.

[...] as atividades possibilitam, além da avaliação, a expressão e transformação do sofrimento físico e mental (atividades de descontração e alívio das tensões cotidianas) e mobilizam percepções e reflexões, auxiliando no desbloqueio de condicionamentos para se atingir a saúde do trabalhador [do artesão], buscando produtividade dentro dos padrões que preservam a sua saúde e qualidade de vida. (CARLO e BARTALOTTI, 2001, p. 162).

Na sociedade atual, o artesanato ganha força por se tratar de uma das possibilidades diante das mais variadas situações que promovem a perda da saúde física e mental, além de promover a integração social – que também é um grave problema do homem contemporâneo na busca da qualidade de vida.

### **2.2.3 O artesanato enquanto forma de expressão artística pessoal**

Durante muito tempo, o artesanato vem sendo visto como uma forma de expressão local e regional, trazendo uma confirmação da identidade de determinado

povo ou grupo. Entretanto, o artesanato pode ser visto, ainda, como forma de expressão artística pessoal, pois está intrinsecamente ligado à criatividade humana, num sentido amplo e universal. (FAJARDO, 2002).

Além do mais, o artesanato é, muitas vezes, encarado como um ofício tradicional. Assim afirma Martins (2007, p. 96): “O artesanato é uma das artes mais antigas do mundo. [...] Para muitas famílias, o artesanato já é uma tradição, passada de geração a geração, sempre conservando os detalhes da peça.”

Entretanto, o artesanato, via de regra, apresenta características locais, tanto em sua estética quanto em seus materiais e técnicas; mas, acima de tudo, traz a leitura de mundo do artesão.

Para tal, o artesão deve trabalhar com técnicas, ferramentas, equipamentos e matérias-primas disponíveis em seu território e acessíveis a seu nível de conhecimento. A inspiração para o trabalho vem de sua história, da conjugação dos fatores étnicos, culturais, econômicos, sociais e ambientais que modelam seu cotidiano. (MOTTA *et al*, 2008, p. 194).

Segundo Fajardo (2002), culturalmente, sabe-se que as pessoas que desenvolvem habilidades para o artesanato são consideradas especiais. Expressar-se através do artesanato é tido como “aprender a desenvolver dons”. Neste sentido, assim complementa Motta:

O saber fazer coisas, ter habilidade e utilizá-las para a geração de renda coloca novamente o artesanato na ordem do dia. Sem dúvida, o contexto atual é favorável, com a fragmentação das classes sociais, o incremento das terceirizações, a cultura da livre iniciativa, o individualismo e a constituição das redes de trabalhadores independentes. (MOTTA *et al*, 2008, p. 202).

Por outro lado, é intrigante que, perante tantas novidades tecnológicas, o artesanato tenha vez e voz. Num cenário onde quase tem sido, usualmente, invadido por inovações, o artesanato permanece com suas raízes praticamente estáticas, estando o artesão inserido num contexto onde o criar ainda tem valor.

Além do poder econômico do artesanato, Novaes (2004) destaca que ele é, acima de tudo, uma forma de representação simbólica da visão de mundo do artesão, uma forma única de criação e expressão.

O artesanato fornece referências sobre as relações sociais e configura uma consciência estética da identidade, tal como esta foi tradicionalmente estabelecida. Ele se põe em relação passado e presente, seja a partir de questionamentos visuais efetivos, [...] seja como memória coletiva daquilo que se tem como ideal na cultura [...]. (NOVAES, 2004, p. 136).

A autora fala, inclusive, que as imagens geralmente representadas nos artesanatos feitos por mulheres falam do cotidiano destas, principalmente relacionado ao papel social das mulheres. “O artesanato é, portanto, um discurso imagético na maneira pela qual a comunidade ordena a natureza por uma lógica cultural arranjada de forma particular a partir da sensibilidade, da intuição e da imaginação”. (NOVAES *et al*, 2004, p. 137). Ou seja, traz um forte indício da carga cultural de seu artesão, bem como demonstra características próprias de como pensam e agem no âmbito sócio-histórico-cultural.

Tanto o artesão quanto o artista, materializam o seu modo de ver e perceber as coisas, as pessoas e o mundo, estão sempre em processo de aprendizagem, com a vida, com as pessoas, com os objetos, com a natureza, com os conflitos, com os erros, com a história. (BARBOSA, 1998).

Além disso, a “[...] experiência estética é uma forma de organizar no plano da ilusão uma realidade social a fim de que esta possa se tornar inteligível ao espírito. O fazer opera como um movimento de mergulho ao mesmo tempo individual e coletivo na cultura”. (NOVAES *et al*, 2004, p. 137). Aí reside a importância da experiência estética para o artista/artesão: um espelhamento da cultura individual, somado à cultura universal, como forma de expressão única e pessoal.

#### **2.2.4 O artesanato enquanto instrumento de integração social**

O artesanato na sociedade atual assume um novo papel, ao passo que pode ser uma ferramenta auxiliar na inserção do homem de volta ao seu entorno social.

A experiência coletiva e universal, de acordo com as ideias de Fajardo (2002), reside na experiência artística individual. Neste sentido, a produção artística – neste caso entendida como o fazer artesanato – é uma experiência que traz a integração ao outro, a experiência do outro, ao mesmo tempo em que contempla a experiência singular. Assim afirma o autor:

Ao fazer artesanato, a pessoa se liga a uma grande tradição coletiva, amplia sua capacidade de criar e até desenvolve a noção de cidadania. O ensino do artesanato ajuda a fazer com que as pessoas se tornem cidadãos participantes e ligados no mundo à sua volta, exercendo seus direitos e deveres. (FAJARDO, 2002, p. 8).

Aprender artesanato pode significar uma ação que parte da mediação. Isso sinaliza que o aprendizado não é um ato solitário, isolado. No momento em que ocorre o aprendizado, acontece o processo de mediação, não apenas de conhecimentos, mas também nas interações sociais que ocorrem no grupo.

Portanto, o processo de criação, ao mesmo tempo em que é um ato coletivo, é antagônico, porque também é individual. Individual porque é tido sob o ponto de vista, percepção e sentimento do sujeito, pois somos do mundo na sua universalidade, mas únicos na forma como nos inserimos nele, como respondemos, questionamos e pensamos sobre, para e com ele, incluindo tudo e todos que dele fazem parte. (BARBOSA, 1998).

Segundo Larossa (2001), a experiência é aquilo que vivenciamos, é aquilo que nos acontece, é aquilo que nos toca, e está diretamente ligada ao ato criativo. O artista/artesão expressa não o que se passa, não o que acontece, não aquilo que apenas se toca. Experiência invoca travessia e perigo e o sujeito que a vive está exposto, porque se expõe aos riscos de suas incertezas. A experiência é, neste sentido, aquilo que padecemos ligado a nossa existência, contingente e pessoal.

Para o autor *op cit*, quando um artista/artesão realiza uma obra, pode-se dizer que utilizou de sua experiência de vida, da forma como interpreta o mundo, ou seja, os ícones representativos são o resultado de seu acúmulo vivencial, que caminha pela abordagem teórica, histórica e cultural de sua época. Desta forma, o passado tem uma presença forte na elaboração da percepção, o que leva a concluir que os aspectos subjetivos colaboram para a construção da realidade. Na verdade, todas essas conjecturas são aspectos a serem refletidos, lembrando que as

abordagens psicológicas auxiliam na interpretação da obra do artista e que a arte projeta os aspectos da realidade psicológica por meio de sua linguagem e expressão.

Assim, pode-se dizer que o artesanato contempla ações que vão além da subjetividade humana, trazendo contribuições para a constituição do sujeito enquanto ser social. Para Cassirer (*apud* PÁDUA e MAGALHÃES, 2003), tanto a arte quanto a linguagem transitam pelas vias do conhecimento objetivo e subjetivo. Portanto, a arte pode ser considerada tanto quanto um meio de conhecimento quanto de formação, além de ser um instrumento de interação social.

Ao possibilitar o encontro do sujeito consigo mesmo, e deste com o universo que o cerca, o artesanato traz à tona uma série de ações que favorecem o desenvolvimento social deste.

[...] é preciso fazer uma leitura da macroestrutura que define horizontes éticos, socioculturais, econômicos e políticos, para que, ao conhecer a realidade do sujeito, assim como nela intervir, o operador social possa melhor compreender as histórias e os contextos como processos socialmente construídos e delinear os limites e as possibilidades de transformação e emancipação social. (PÁDUA e MAGALHÃES, 2003, p. 38).

No mesmo sentido, Iavelberg (2007) completa afirmando que a importância da arte para a formação das pessoas é essencial, pois o contato com as manifestações artísticas garante ao sujeito espaço para interações cuja principal finalidade é o valor simbólico da interlocução intersubjetiva. É possível, por intermédio da arte, colocar-se no mundo de modo autoral, não submisso, percorrendo tempos e espaços variados, gerando modos de conhecer e compreender a vida e a criação, articulando cognição, valores, ação criativa com construção de significados e ainda, percepção e atribuição de qualidades com sensibilidade.

### 2.3 AS FRONTEIRAS ENTRE A ARTE E O ARTESANATO – UMA DISCUSSÃO QUE NÃO ACABA EM SI

Para muitos autores, a linha que divide as fronteiras entre a arte e o artesanato é muito tênue. Não exatamente em seu produto – fruto da criação humana – mas, sobretudo, em seu processo criativo, sua razão de ser.

Atualmente, no uso cotidiano das palavras, é ainda frequente a indefinição de fronteiras entre o que é arte e o que é artesanato, o que são trabalhos manuais e o que é arte, especialmente a arte popular. A rigor, trabalho manual, artesanato e arte popular remetem a objetos feitos à mão, mas em atividades que são diferentes entre si, embora suas técnicas às vezes de fato se confundam. (MATTOS, 2010, p. 13).

Muito se tem discutido sobre o tema. Entretanto, algumas considerações são inerentes a estas duas expressões. Fajardo (2002, p. 8) não descarta a proximidade entre a arte e o artesanato, elevando, primeiramente, a arte a uma condição mais privilegiada.

Por outro lado, o artesanato ganha, cada vez mais, o caráter de manifestação artística, amplia seu alcance e alarga fronteiras, tendo se transformado em importante fonte de renda e de criação. Ele expressa a experiência regional das comunidades, seu modo de fazer, sua vivência particular, enfim, seu modo de vida. (FAJARDO, 2002, p. 8).

Então, para o autor *op cit*, o artesanato possui um processo característico que envolve a arte e, conseqüentemente, amplia as visões de mundo e o universo particular do artesão/artista. Neste sentido, para Ducasse (2005), a etimologia destes termos se confunde, quando o autor diz:

Arte e artesanato. É comum pensar que o segundo decorre da primeira e que o artesão tenha, etimologicamente, surgido depois do artista. Minha tendência seria confundir os dois - arte e artesanato, artista e artesão – numa mesma qualificação, o cuidado com a excelência e a procura de uma certa harmonia. Geralmente nossa tendência é confundir a arte e o belo. Não creio que a arte seja, necessariamente, a forma da expressão da beleza pura. (DUCASSE, 2005, p. 31).

No trecho acima, Ducasse traz um questionamento pertinente, no que tange à figura do artista e do artesão. Conforme as ideias deste autor, ambos possuem qualificação equivalente, haja vista que buscam a expressão da harmonia e do belo, cada qual à sua maneira. Se não é possível definir exatamente o que é arte e o que é artesanato, ao menos é preciso reconhecer qual a função social de ambos, e qual a sua relação com o meio onde é produzida.

Ainda, como o lugar social do artesanato mudou no decorrer da história, também as expressões “artista” e “artesão”, que até o séc. XVI eram palavras que podiam ser usadas para referir a mesma pessoa habilidosa, sofreram modificações. Antes, estas palavras era empregadas para designar a pessoa que possuía o domínio da poesia, da música, da ourivesaria, da história, da astronomia, de modo que tanto a ciência, quanto as artes e os ofícios possuíam os mesmos termos. (MOTTA, 2008, p. 11). Historicamente falando, somente no séc. XVIII é que os ofícios tornaram-se distintos e surgiram as expressões de “arte maior” ou “arte menor”, numa hierarquização, em que “[...] considerava-se que marmorista era um mister superior ao sapateiro” (MOTTA, 2008, p. 11).

Da mesma forma Chiti (2003) *apud* Motta (et al, 2008, p. 194),

[...] considera o artesanato como expressão da vida e postula a ressignificação da atividade artesanal diante dos conceitos de cultura e arte. Avança conceitualmente ao classificar a arte indígena como artesanato etnográfico, e o resgate de tradições e manifestações populares como artesanato folclórico ou tradicional, reafirmando que a arte popular é o artesanato do povo inculto e iletrado. Sustenta, ainda, que a reabilitação do artesanato recupera a cultura de um grupo e a sua condição de ser único, mesmo que esse artesanato, na atualidade, seja estimulado como oportunidade de geração de renda e tenha por base a atividade laboral e ocupacional, em detrimento do valor estético da arte.

Com estas palavras, o autor busca evidenciar o processo artístico presente no artesanato enquanto expressão de arte popular, ou seja, condiciona o artesanato a uma condição de processo laboral que evidencia mais as questões ocupacionais e de geração de renda do que as funções propriamente estéticas da arte.

Conforme as ideias de Pedrosa (1995), a arte do nosso século transforma-se em uma arte para iniciados. Só compreende a sua linguagem quem de alguma forma tem conhecimento de seus códigos.

A arte popular sempre ficou de fora da história. A partir do momento em que se deu a separação entre arte popular e erudita, a popular sempre ficou às margens da erudita. (PEDROSA, 1995, p. 326). Para Mattos (2010, p. 13), “o artesanato não é considerado como igual à arte popular, na medida em que o artesão não compartilha, com o artista, a obsessão pela originalidade.” O autor complementa, dizendo que, para ele, uma importante característica da arte popular reside no fato de que o artista não estudou a história da arte e, por isso, não está impregnado por ela, deixando sua criação mais livre de conceitos prontos. Já na arte erudita, o que reina é a crítica apurada e o senso estético, através de uma “pesquisa intelectual”.

Os conceitos de arte erudita e popular, bem como arte e artesanato, geram muita confusão, tanto entre os produtores, quanto entre o público em geral. Para os artistas ou “seguidores” da arte erudita, esta é a verdadeira arte. Entre as camadas populares, a arte é geralmente associada a um ofício, ou seja, artista é quem se destaca em sua profissão. Elliot Eisner diz que “a arte nos faz empregar nossas mais sutis formas de percepção e contribui para o desenvolvimento de algumas de nossas mais complexas habilidades cognitivas” (*apud* BARBOSA, 1997, p. 90).

Como uma forma de ilustrar esta discussão, Mattos cita um exemplo prático, ao falar do artesanato catarinense:

Em Santa Catarina, pode-se mencionar, como exemplo, o caso dos ceramistas figueiros, que moldam no barro pequenas figuras, às vezes humanas, às vezes animais. Eles realizam toda uma produção de peças seriadas, bastante parecidas entre si e dotadas de grande qualidade, que configuram o que se chamaria artesanato. Um ou outro escultor ou figueira, contudo, elabora e particulariza tanto seus objetos que eles começam a ser considerados arte popular. (MATTOS, 2010, p. 15).

Segundo Robert William Ott, “a arte pode assumir diversos significados em suas várias dimensões, mas como conhecimento proporciona meios para a compreensão do pensamento e das expressões de uma cultura” (*apud* BARBOSA, 1998, p. 111).

Para Frota (2005) *apud* Motta (*et al*, 2008), a ideia de que não existe fronteira para o ser humano representar sua visão de mundo valida o argumento

sobre a fragilidade da diferenciação entre cultura erudita e popular, entre a arte e o artesanato. Sendo assim,

[...] em função de características comuns, pode-se dizer que o artesanato tem suas raízes na arte primitiva, comungando nas mesmas fontes de inspiração, embora se diferencie dela pela possibilidade de replicação e reprodução, em pequena escala, de objetos, monumentos, marcos e resquícios da história. A arte, por sua vez, cria peças únicas e exclusivas, influenciadas pelas condições culturais. (p. 194).

Neste sentido, conforme complementa o autor *op cit*, mesmo tendo a característica da réplica, o artesanato guarda características de seu executor, que pode tornar cada peça original e singular, estreitando as fronteiras entre o artesanato e a arte.

Ainda, culturalmente falando, “[...] o mercado remunera melhor o artista [do que o artesão] por reconhecer a exclusividade de sua obra e o seu esforço de originalidade, de modo que os objetos por ele criados contribuem para o acervo de cultura”. (MOTTA *et al*, 2008, p. 195).

Esta característica já está inserida em nossa cultura. Por isso, popularmente falando, é comum que se encontre expressões que comparem o artesanato a uma “arte menor”, exatamente por possuir menor valor, se comparado à arte erudita.

Porém, o que é indiscutível, é que, para realizar seu trabalho, o artesão usa-se, geralmente, de elementos muito próximos aos do artista, no que tange ao processo de criação. Da mesma forma, é indiscutível que o artista traga, em sua obra, elementos únicos como forma de expressão.

## 2.4 O CLUBE DE MÃES: UM BREVE HISTÓRICO

A Associação dos Clubes de Mães de Forquilha foi fundada no dia 21 de dezembro de 1990. Atualmente possui 35 Clubes de Mães, 07 monitoras e aproximadamente 800 mães.

O mesmo tem por objetivo estimular e promover o desenvolvimento de atividades culturais, esportivas, sociais e recreativas e despertar nas mães a consciência comunitária no sentido da promoção da pessoa humana, como também a aprendizagem de trabalhos manuais que possam complementar a renda familiar. Dentre os projetos da instituição, estão os seguintes:

- Embelezamento dos Espaços Públicos: Projeto em parceria com a Secretaria Municipal de Agricultura e Parque Ecológico, que disponibiliza mudas para o Clube de Mães embelezar um espaço público no bairro.

- Kit Gestante: A Associação dos Clubes de Mães, em parceria com a Secretaria Municipal de Saúde, confecciona e oferece um kit às gestantes do município que participam do Grupo de Gestante nas unidades de saúde.

- Inclusão Digital: Oferta de curso de informática às mães, nas salas do Programa Telecentro: Comunidade Digital nos Bairros e no CRAS, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação e Secretaria Municipal de Ação Social.

- Incentivo ao trabalho voluntário: Apoio às Voluntárias de Irmã Norberta, com a doação de tecidos, retalhos e fibras, para que possam preparar material para as famílias carentes do município.

- Prevenção e Saúde: Cursos, palestras, intervenções educativas que promovam a reflexão e favoreçam a mudança de atitude. O objetivo é trazer à mulher a construção de uma identidade digna e plena.

- Orientação Nutricional: Palestra de orientação e acompanhamento nutricional com nutricionista.

Além destas ações, são oferecidos cursos e palestras constantes, como os seguintes:

- Parceria Pastoral da Criança e Secretaria de Ação Social: “Educação Alimentar, Alimentação Saudável, Hortas Caseiras, Plantas Medicinais”;

- Parceria Conselho Municipal de Entorpecentes - COMEN: “Prevenção contra as drogas”;
- Parceria SENAR – Serviço Nacional de Aprendizagem Rural e Secretaria de Ação Social: Cursos de Culinária, Confeitaria, Pintura em tecido, pintura em emborrachado e etc., para as mulheres agricultoras;
- Parceria Secretaria Municipal de Saúde para a realização de palestras sobre a saúde feminina e familiar.

#### **2.4.1 Um olhar sobre o artesanato produzido no Clube de Mães: ações sociais em busca da inclusão e socialização**

O Clube de Mães, devido ao seu caráter agregador, pode proporcionar ao grupo a vivência de experiências que vão além do fazer artesanal e do aprendizado de uma técnica. Nas palavras de Motta:

Tais redes contribuem para aumentar a capacidade de criação e a escala de produção do artesanato pela agregação de indivíduos e grupos residentes num mesmo território e que comungam, no cotidiano, dos mesmos problemas, dos mesmos elementos que formam a subjetividade coletiva de um mesmo sistema de valores. (MOTTA *et al*, 2008, p. 196).

E, desta forma, o grupo tende a trazer à tona um certo grau de fortalecimento que pode estender-se a toda a rede. Além disso, “As contribuições da terapia ocupacional para esses grupos os enriquece bastante e caracteriza-se por um processo educativo de interação com a comunidade visando o desenvolvimento de habilidades numa cultura cooperativista”. (CARLO e BARTALOTTI, 2001, p. 167).

Uma das questões intrínsecas a esta prática é que, assim, as pessoas tendem a pensar coletivamente, deixando de ocupar-se apenas com o individualismo, valorizando a participação para o sucesso e crescimento do grupo.

Outra questão é que este tipo de associação fortalece a capacidade do grupo no que tange à transformação social em vários níveis. Há, ainda, a

possibilidade de estender os projetos destas instituições a ações ainda maiores. Principalmente quando comercializados em nome do grupo, os produtos têm maior força comercial e podem trazer importantes benefícios a este.

A experiência e a maturidade organizacional adquiridas por estas instituições ao desenvolver seus negócios demonstram que intervenções sociais podem ocorrer em uma multiplicidade de formas, e que ousadia, inovação, empreendedorismo e determinação podem contribuir de forma significativa para a mudança social e a criação de novos modelos de desenvolvimento de amplo impacto. (ASHOKA, 2006, p. 72).

Vários grupos semelhantes ao Clube de Mães estão sendo criados na atualidade. Em geral, são grupos formados por artesãos, com o objetivo de escoar rapidamente a produção e trazer benefícios que vão além das transações comerciais. Conforme Ashoka (2006), são grupos como estes que têm a pretensão de reforçar a identidade do grupo e, com isso, proporcionar a melhoria da qualidade de vida a toda a comunidade.

### 3 METODOLOGIA

De abordagem qualitativa, de acordo com Vergara (2005), a presente pesquisa caracteriza-se por ser descritiva, utilizando-se de pesquisa bibliográfica para fundamentação, que tem a pretensão de servir como referencial teórico para aprofundar a conceituação de arte e de artesanato, bem como na discussão das fronteiras que dividem estes dois conceitos. A mesma enquadra-se na linha de pesquisa Processos e Poéticas do curso de Artes Visuais da UNESC.

Além disso, conforme a autora *op cit*, é uma pesquisa participante, estando a pesquisadora inserida no contexto aqui citado como referência para este estudo: o Clube de Mães de Forquilha – SC. No momento em que optou pela realização desta pesquisa, a pesquisadora passou a frequentar algumas aulas enquanto observadora, a fim de trazer mais fundamentação prática a este.

De ordem interpretativa, busca o esclarecimento sobre as fronteiras que circundam a arte e o artesanato, através da análise da fundamentação teórica unida à fala das artesãs. Para tanto, a coleta de dados aconteceu em forma de questionário, aplicado a 14 frequentadoras do mencionado clube, a fim de investigar o conhecimento destas acerca do tema.

Ainda, esta pesquisa está moldada em forma de pesquisa de campo. De acordo com Martins Júnior (2008, p. 48), este é o tipo de pesquisa em que

[...] o pesquisador utilizará, além das fontes bibliográficas, a aplicação de testes e outros instrumentos destinados a coletar os dados necessários, diretamente na população do estudo, a fim de comprovar, na realidade, as hipóteses formuladas a partir de teorias.

Segue um breve relato desenhando as etapas que seguiram para que esta pesquisa tomasse estes moldes.

#### 3.1 O PROCESSO QUE GUIOU A PESQUISA

Para efetuar esta pesquisa de campo, a pesquisadora acompanhou as monitoras em algumas visitas às comunidades em que se reuniram as mães.

Na companhia delas, foi possível acompanhar a confecção dos trabalhos, responder aos questionamentos que cercam o tema e coletar informações através dos mesmos. Ao final, com as informações obtidas, foi possível concluir a pesquisa e escrever estas informações.

Foi possível perceber, através de conversas informais, que as pessoas que frequentam estes cursos possuem diversas finalidades. Algumas buscam a arte como fonte de renda, outras como terapia ocupacional, física ou emocional.

Dessa forma, surgiu o interesse em dar aprofundamento a este tema. Neste contexto, surgiu o interesse em pesquisar o motivo da frequência neste clube e o que pensam sobre a arte e o artesanato estas mulheres.

Contudo, esta pesquisa poderá trazer, ainda, inúmeras contribuições pessoais, principalmente ao transpor a barreira da timidez, pois, conhecer e conviver com pessoas inseridas em contextos distintos e que também produzem, de certa forma, arte, pode servir como um poderoso instrumento de socialização a todos os envolvidos.

## 4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

### 4.1 QUESTIONÁRIO – APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Ao analisar as respostas dos catorze questionários, fica evidente o pensamento do grupo que, de certa forma, pode-se considerar praticamente homogêneo. Primeiramente, quanto aos itens de identificação do grupo, quando levantada a questão da idade das mães frequentadoras, apenas uma delas tem menos de quarenta anos. Quanto à escolaridade, dez mulheres frequentaram até a 4ª série, enquanto apenas duas delas frequentaram a escola até a 8ª série, outras duas têm o Ensino Médio completo. A maioria, ainda, frequenta o Clube há, no máximo, cinco anos, sendo que cinco mães já o frequentam há mais de cinco anos. Também a maioria das mulheres produz artesanato há mais de cinco anos, e o produz mesmo antes de frequentar o Clube.

Em resposta à primeira questão, que trazia múltiplas escolhas acerca dos motivos que as levam a frequentar as aulas, onze mães assinalaram a opção “para aprender coisas novas”; enquanto que dez delas assinalaram a opção “para relaxar”; seguidas de sete mulheres que escolheram também o item “para desenvolver a criatividade”. Os itens “para interagir com o grupo”, “para fazer amigos” e “para desenvolver habilidades” foram optados por cinco mães. Quatro mães marcaram os itens “para participar de exposições” e “para desenvolver a coordenação motora”. Também os seguintes itens receberam duas marcações: “para refletir”, “para ter uma ocupação” e “para praticar e se profissionalizar”. Apenas uma opção não foi marcada por nenhuma das participantes desta pesquisa: “para aumentar a renda familiar”.

A segunda pergunta diz respeito ao tipo de artesanato que mais gostam de produzir. Nesta pergunta, cada mãe poderia assinalar várias opções. A maioria delas (dez mulheres) marcaram duas opções: bordado e crochê/tricô, seguidas de duas que marcaram a opção tapeçaria e apenas uma que escolheu a pintura e a cerâmica.

Questionadas acerca da sua “fonte de inspiração”, na terceira pergunta, onze mulheres escolheram a opção “peças/amostras dos professores/instrutores”, enquanto que dez escolheram “troca de aprendizado com as amigas/frequentadoras do Clube”. Outras sete optaram pelo item “revistas/encartes/televisão/internet”, e apenas três disseram criar suas próprias peças. Nesta pergunta, também as mães poderia escolher opções diversas, de acordo com sua realidade.

Ao serem questionadas se consideram sua peça um produto de arte ou artesanato, na pergunta de número 4, dez delas responderam que consideram artesanato; duas acham que é uma mistura entre a arte e o artesanato e outras duas não souberam especificar. Ao mesmo tempo, na próxima pergunta que questionou sua “titulação”, com escolha entre “artista” ou “artesã”, doze mulheres optaram por “artesã” e apenas duas se intitularam “artista”.

Sobre a produção final ser uma cópia exata ou uma peça única, houve bastante divergência: oito delas disseram copiar a peça na íntegra e sete disseram que sua peça, por fim, se torna única, pois mesclam os conhecimentos aprendidos às criações pessoais. Uma delas optou pelas duas respostas.

Sobre a comercialização das peças e o reconhecimento, onze mulheres responderam que não vendem sua produção; duas não responderam se comercializam e uma delas já vendeu algumas peças. Sobre o reconhecimento e valorização, todas, com exceção de uma, sentem-se valorizadas e reconhecidas. A maioria diz que se fosse vender as peças não seria pago o valor que elas merecem.

A última pergunta, a de número oito, foi a seguinte: “Se seu trabalho fosse considerado arte e fosse exposto numa galeria de arte, por exemplo, você teria um reconhecimento diferenciado? Sua peça teria mais valor econômico? Você seria artista ao invés de artesã? O que você acha?”. Em resposta, resumidamente, duas mães não se considerariam artistas, pois são artesãs; duas já se consideram artistas e isso não faria diferença; e dez responderam que assim elas se considerariam artistas, e não mais artesãs.

#### 4.2 INTERPRETAÇÃO - QUAL A FALA QUE EMERGE DAS QUESTÕES?

A fala das mães frequentadoras do Clube de Mães de Forquilha pode trazer inúmeras questões pertinentes a esta pesquisa. Para melhor organizar sua fala, estas foram denominadas como “Mãe 1”, “Mãe 2”, e assim sucessivamente. Em primeiro lugar, na condição de grupo, pode-se dizer que estas mulheres não fogem ao perfil da maioria das artesãs do Brasil. Estas, via de regra, possuem baixa escolaridade e idade próxima à faixa etária deste grupo.

Desde muito cedo, em suas casas, tradicionalmente aprendem o artesanato como forma de afirmação da cultura familiar. Na fala da Mãe 2, pode-se perceber esta afirmação: *“Na família tinha uma tradição: bordar e costurar enxoval”*. Entretanto, os motivos que levam as mulheres a produzir artesanato neste grupo não são exatamente como os tradicionais: aprender coisas novas, relaxar, desenvolver a criatividade, fazer amigos, interagir com o grupo, realizar exposições, refletir. Em meio a um contexto social conturbado, este tipo de atividade traz à tona questões tão importantes, como o desenvolvimento de uma atividade relaxante e prazerosa. Além disso, desenvolve laços afetivos com o grupo e é um importante meio de interação e inserção social.

Como produzem, essencialmente, o bordado e o crochê/tricô, uma grande maioria das mães usa-se de amostras realizadas pelas instrutoras do Clube e/ou troca de aprendizado entre as frequentadoras, o que caracteriza o artesanato ainda como execução de uma técnica aprendida e repetida, passada por gerações. A fala da Mãe 4, quando questionada se sua produção seria cópia ou criação, traz à tona outra questão: *“Não tenho esse dom”, referindo-se ao “dom de criar”, que somente é “dado” ao “artista”*. Neste contexto, no entanto, muitas das mulheres mesclam técnicas aprendidas com o conhecimento técnico que já possuem, o que garante um estilo quase próprio ao final de uma produção. Esta característica é muito presente nas produções artesanais, onde prevalece a técnica sobre a criação. Assim relata a Mãe 2: *“Eu inovar em cima do que estou aprendendo, modifico, crio”*.

Quando as mães afirmam que o que produzem é artesanato, e não arte, estão reafirmando o que aprenderam culturalmente. Quase metade delas afirma que arte é outra coisa e que está relacionada às tintas e aos pincéis: *“Artista pinta, desenha”* (Mãe 7); *“Não sei o que é arte. É pintura? Eu acho que deve ser artesanato [o que eu faço], arte é quadro, eu não sei direito, mas no fim acho que deve ser artesanato”* (Mãe 4); *“Porque arte considero pintura com pincéis e tinta. Tudo o que*

*se pinta. Para mim artesanato é confeccionado, então não é arte*” (Mãe 2). Todas estas falas traduzem uma concepção historicamente produzida que leva o entendimento da arte ao desenvolvimento da pintura. Esta é uma informação intrincada em séculos de história, em que o artista era aquele que pintava lindos quadros. Uma das mães (Mãe 9), evidencia o artesanato enquanto produção manual: *“É artesanato, porque é feito com as mão: trabalhos manuais”*. Apenas duas delas trazem uma fala diferenciada: *“Os dois, pois só muda o nome. Antigamente se falava artesanato. Hoje esta palavra está caindo. Tudo o que não se copia, se cria, pra mim é arte”* (Mãe 13); *“Considero arte, porque tudo o que se cria é arte. Eu sou artista. Aqui no clube somos todas artistas. Para mim artesã e artista são iguais, só muda o nome”* (Mãe 14). Nestas afirmações emergem relações entre arte e criação, igualando ambos os conceitos. A Mãe 8 traz, ainda, a seguinte fala: *“O que eu faço é artesanato, porque arte para mim é algo perfeito”*; elucidando as questões estéticas que estão intrínsecas ao fazer artístico, numa referência ao belo e ao “perfeito” e ao artista enquanto “criador de coisas perfeitas”.

Quanto a denominar-se de “artista” ou “artesã”, grande maioria optou pela denominação de artesã. A Mãe 4 assim afirma: *“Eu só sei reproduzir. Não consigo inventar nada, mas se for copiar copio tudo o que vejo”*. Da mesma forma, eis a fala da Mãe 5: *“Só faço aquilo que vejo”*. Em meio a estas, duas mulheres questionadas responderam que se consideram artistas: *“Me considero uma artista, aprendi uma técnica e agora eu faço tudo o que eu quero, pinto e bordo”*(Mãe 13); *“Eu sou artista, crio e reproduzo o que aprendi, misturado ao que a imaginação pede”* (Mãe 14). Nestas falas ficam facilmente perceptíveis os itens “criação” e “imaginação”, que comumente se vê presente na fala de artistas.

Também, de um modo geral, a grande maioria das mães questionadas sente-se valorizada e reconhecida pelo trabalho que desenvolve no Clube, mesmo que não o façam para comercializar. Comumente as pessoas as elogiam pela habilidade e beleza das peças, e isso as basta. Mas um fato surgiu na fala de muitas delas: se fossem vender o trabalho, o retorno financeiro não pagaria a dedicação e o tempo investido na sua confecção. É assim que relata a Mãe 13: *“Como faço minhas peças e não vendo, faço com muito amor. Não tem dinheiro que pague. Mesmo assim, quando se compra uma toalha feita por nós, querem pagar mixaria”*. Culturalmente falando, a arte possui muito mais valor agregado em consideração ao artesanato. Na hora da venda, é comum que o comprador tente reduzir o valor da

peça, pois as peças industrializadas são mais valorizadas se comparadas ao artesanato.

Por fim, a principal pergunta do questionário, a qual relaciona-se diretamente ao objeto de estudo desta pesquisa, traz um questionamento acerca dos limites entre a arte e o artesanato. A pergunta levanta a questão que investiga se o artesanato pode transformar-se numa peça de arte, mudando o contexto de sua apresentação, como, por exemplo, se colocada em uma galeria sob a forma de um objeto artístico. A resposta da maioria das mães questionadas leva a crer que, mudado o contexto e a apresentação da peça, ela torna-se, sim, arte: *“Não sei, mas nas galerias só expõem quadros. Se meu trabalho fosse para lá eu seria artista”* (Mãe 4); *“Com certeza, aí eu seria artista porque estaria junto com eles na mesma galeria. Meu trabalho seria mais valorizado, com certeza”* (Mãe 5); *“Ah, com certeza, artista é quem expõe em galerias, aí eu seria uma artista”* (Mãe 6); *“Eu me sentiria uma artista, mas crochê nunca chegaria lá, só quadros”* (Mãe 7); *“Se acontecesse isso eu me consideraria uma artista”* (Mãe 8); *“Aí sim eu seria uma artista, mas uma mãe do clube nunca chegará lá. Ninguém olha como futura artista”* (Mãe 9); *“Aí eu seria uma artista. Porque, por enquanto, quem nos vê no clube de mães não nos vê como artista, e sim como artesã”* (Mãe 10); *“Se isso acontecesse eu me sentiria uma artista”* (Mãe 11); e o que escreveu a Mãe 12: *“Eu seria uma artista”*. Todas estas falas são importantes, porque trazem a questão da valorização do artesanato no contexto social. O ícone “galeria” está diretamente relacionado à figura do “artista” e à exposição da “obra de arte”, ainda que largamente associado apenas à pintura de “quadros”. Colocar um artesanato numa galeria é mudar sua configuração. É como dizer: “Olha, que linda peça de arte!” ou “Que artista habilidoso!”. Mudar o contexto da apresentação do objeto é, também, modificar a “herança genética” que a peça traz embutida em si.

Ante a tantos relatos, as falas das Mães 1, 2 e 3 trazem um outro lado da questão: *“Não, não chegaria lá [numa galeria]”*; *“Nossa, que legal, vou ficar envaidecida, mas continuo sendo uma artesã”*; e *“Ele nem iria para lá, sou uma artesã”*. Aqui ficam outras questões, onde não depende da apresentação ou do contexto: um artesanato sempre será um artesanato e elas sempre serão artesãs. É o que muitas pessoas sentem ao adentrar num espaço de Arte Contemporânea, com arte-objetos, instalações e interferências, onde muitas vezes são utilizadas peças do artesanato (ou do cotidiano) como base do objeto artístico. Alguns

visitantes sentem-se “enganados” diante do objeto artístico advindo do artesanato. Outros, ainda, rejeitam esta “nova” apresentação do “artesanato enquanto obra de arte”, somente pelo fato de estar em uma “galeria”.

Dentre estas falas, duas se destacam pela diferença de opinião: *“Eu me considero uma artista, como falei, sei fazer de tudo o que vejo, não mudaria em nada”* (Mãe 13) e *“As pessoas iriam me achar uma artista, mas eu não. Eu olharia numa boa, pois já sou artista”* (Mãe 14). Estas duas opiniões afirmam o quanto é sutil a diferença entre a arte e o artesanato, pois ambas produzem artesanato, porém consideram-se artistas. Fica, então, a pergunta: esta seria só uma diferença de titulação?

## 5 PRODUÇÃO ARTÍSTICA – PROCESSO DE CRIAÇÃO DO OBJETO DE ARTE

### 5.1 OS CAMINHOS DO ARTESANATO

Ao observar algumas aulas do Clube de Mães, foi possível acompanhar a produção de inúmeras peças e técnicas artesanais. Dentre estas, uma se realçava, com especial destaque: o crochê. Lindas peças surgiam das habilidosas mãos das artesãs. Aos poucos foram surgindo inúmeras possibilidades a partir daquelas lindas e delicadas peças.

Entretanto, uma peça deveria ser a escolhida para a partida inicial da produção artística aqui pretendida. Um dos motivos da escolha foi eminentemente estético, pelo fato de ser a peça um exemplar que possui uma trama de grande beleza, ideal para a produção do posterior objeto artístico.



Figura 1: Crochê  
Fonte: FAJARDO, 2002

O trabalho artesanal com o crochê é extremamente popular e largamente difundido no país. Historicamente, desde muito cedo, as mães e avós ensinavam as meninas da família a bordar, costurar e fazer crochê, por exemplo. Isso era

culturalmente esperado de uma menina que fosse “prendada” e preparada para o casamento.

O conceito de crochê, segundo Fajardo (2002), é o seguinte: “Construído sem o apoio de bastidores, o crochê é conhecido como ‘ponto feito no ar’. É um tecido rendado, confeccionado com uma só agulha, que tem, no máximo, 20 cm de comprimento e a ponta em forma de gancho.” (p. 51).

De acordo com o autor, são utilizadas desde linhas finas e delicadas para a confecção de toalhas e barrados, como também são usados fios mais grossos, para a confecção de tapetes, por exemplo.

## 5.2 OS CAMINHOS DA ARTE E O PROBLEMA DE PESQUISA

A trama do crochê seria ideal para a criação do objeto de arte, pois lembra muito a trama presente nas obras de Beatriz Milhazes, além de ser extremamente cultural, como os elementos escolhidos por esta artista. Estava decidido: o crochê seria a peça central para a execução da obra. Ou seja, ele “emprestaria” suas linhas, cores e texturas para resolver o problema de pesquisa aqui pretendido: a confecção do objeto artístico a partir do artesanato – peça de crochê.

Portanto, como representar em um objeto de arte a conexão entre o trabalho artesanal realizado pelas artesãs do Clube de Mães de Forquilha e um objeto de arte desenvolvido pela pesquisadora?

Para tanto, buscou-se, nas peças de crochê os elementos gráficos e estéticos para compor o objeto de arte a ser criado. A artista Beatriz Milhazes utiliza a técnica de pintura sobre uma placa de acrílico e depois decalca estas pinturas em suas telas.

Em contrapartida, o método escolhido para a transferência dos desenhos para o suporte neste trabalho de conclusão de curso foi a serigrafia, por conter elementos semelhantes a esta técnica.

Para compor a ideia central do objeto artístico, várias etapas foram necessárias. A primeira delas foi a concepção da ideia, que está baseada nas obras

da artista brasileira *op cit.* Para tanto, foi realizado um estudo teórico a respeito da mesma, assim como um estudo imagético. Um breve resumo deste estudo segue, a fim de contextualizar a artista e sua obra.

### 5.2.3 A arte de Beatriz Milhazes

De acordo com Góes (2007, p. 341), “Beatriz Milhazes, pintora, gravadora, ilustradora e professora de arte, é uma das artistas plásticas brasileiras da nova geração de maior prestígio internacional, com obras no acervo dos melhores museus do mundo.”

Ela nasceu no Rio de Janeiro, em 1960, filha de um advogado amante da música brasileira e de uma professora de História da Arte, ou seja, já nasceu envolta no ambiente artístico.

Formou-se em Comunicação Social pela Faculdade Hélio Afonso, em 1981, e estudou Artes Plásticas na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, onde lecionou e coordenou algumas atividades, entre 1986 e 1996. Nos anos de 1995 e 1996 estudou gravura em metal e linóleo.

Através da pesquisa de novas técnicas e suportes, integrante da chamada Geração 80, Beatriz desenvolveu uma técnica que torna única sua arte.

Ela pinta imagens de padrões de flores, frutas, mandalas, sobre placas de plástico. Depois que a tinta seca, as figuras são decalcadas sobre a tela, conforme o tema e a inspiração da artista. O trabalho é demorado e, conforme Beatriz, cada quadro leva cerca de um mês para ser feito. Por isso, sua produção não passa de 10 a 12 quadros por ano. (GÓES, 2007, p. 343).

O autor elucida que a artista já participou de bienais em Veneza, Sydney, Xangai e São Paulo, e realizou exposições em todas as partes do mundo. Uma importante crítica de arte da Inglaterra, Jennifer Higgie, define sua obra como um “caleidoscópio psicodélico de cores, flores e amores” e “loucura tecnicolor” (GÓES,

2007, p. 342). Sua arte, vivaz, traz muitas formas circulares e uma explosão de cores, contrastando com linhas, volumes e texturas.



Figura 2: Beatriz Milhazes em seu ateliê no Rio de Janeiro.

Fonte: <http://arquivoetc.blogspot.com/2008/08/o-momento-debeatrizmilhazes.html>



Figura 3: Pintura de Beatriz Milhazes

Fonte: <http://artscritta.blogspot.com/2010/06/belas-gravuras-de-beatrizmilhazes.html>

A respeito da obra desta artista, citando os elementos por ela representados, assim se refere Herkenhoff, no livro Beatriz Milhazes – Cor e Volúpia:

A obra de Milhazes passa por mutações ao incluir Ivan Serpa, pedras preciosas, Volpi, alegoria de carnaval, Guignard, **crochê**, Bridget Riley, **rendas**, Mondrian, festa junina, Yves Klein, chitão, igrejas barrocas, Matisse, bolo de milho, Waldemar Cordeiro, Carmem Miranda, azulejos coloniais, Oiticica, procissão, Ione Saldanha, Salvador, Parati e Tarsila. (Disponível em: <http://glauciapreviato.blogspot.com/hoje-eu-resolvi-falar-um-pouquinho.htm>. Acesso 05 jun. 2011).<sup>1</sup>

Nas obras de Milhazes, são perceptíveis todos estes elementos e referências, numa tentativa de mostrar sua brasilidade e universalismo. Enquanto a obra é regional, ao mesmo tempo torna-se universal, tamanhas são suas influências estéticas.

### 5.3 A CRIAÇÃO DO OBJETO DE ARTE

A partir da observação e conhecimento da obra da artista contemporânea Beatriz Milhazes, que busca elementos nas referências visuais do Brasil e na cultura popular do artesanato – que são elementos que compõem sua pintura, buscou-se, em peças de crochê desenvolvidas por artesãs do Clube de Mães de Forquilha, os elementos gráficos e estéticos para compor o objeto de arte a ser criado, utilizando a técnica da serigrafia para transferir os desenhos para as telas e tecidos.

---

<sup>1</sup> (Disponível em: <http://glauciapreviato.blogspot.com/hoje-eu-resolvi-falar-um-pouquinho.htm>. Acesso 05 jun. 2011).



Imagem 4: A artesã, a orientadora e a pesquisadora na escolha da peça de crochê  
Fonte: Acervo da autora

Após escolhidas, as amostras de crochê foram escaneadas para posterior tratamento das imagens por programas de computador.

As amostras escolhidas seguem abaixo:

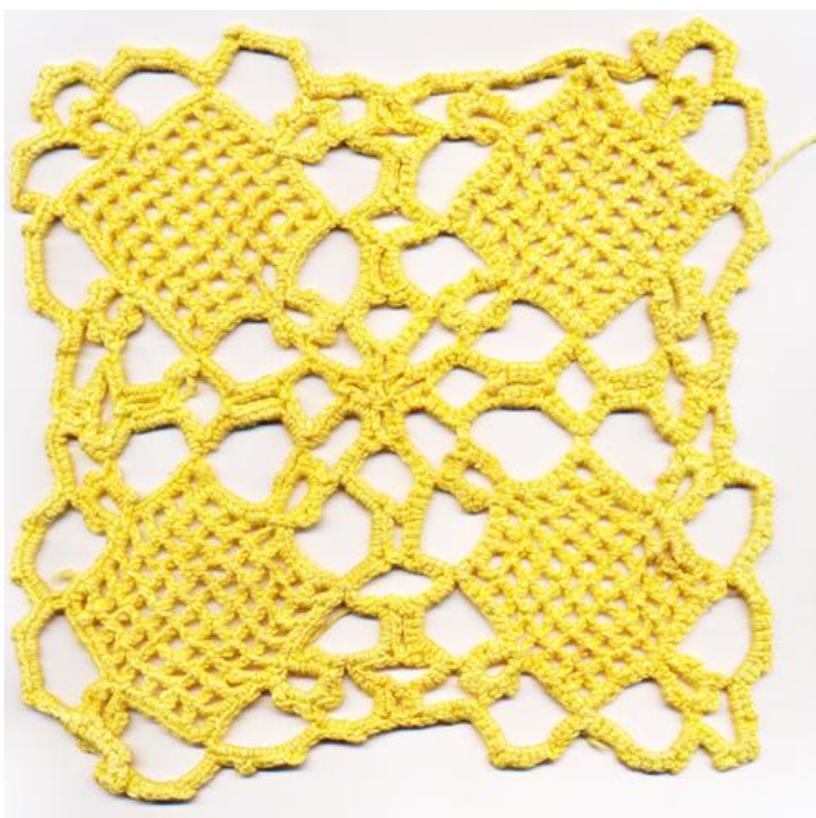


Figura 5: Crochê desenvolvido pela Prof. Esp. Maria Salete Carradore Fernandes  
Fonte : Acervo da artesã.



Figura 6: Crochê desenvolvido pela Prof. Esp. Maria Salete Carradore Fernandes  
Fonte: Acervo da artesã.

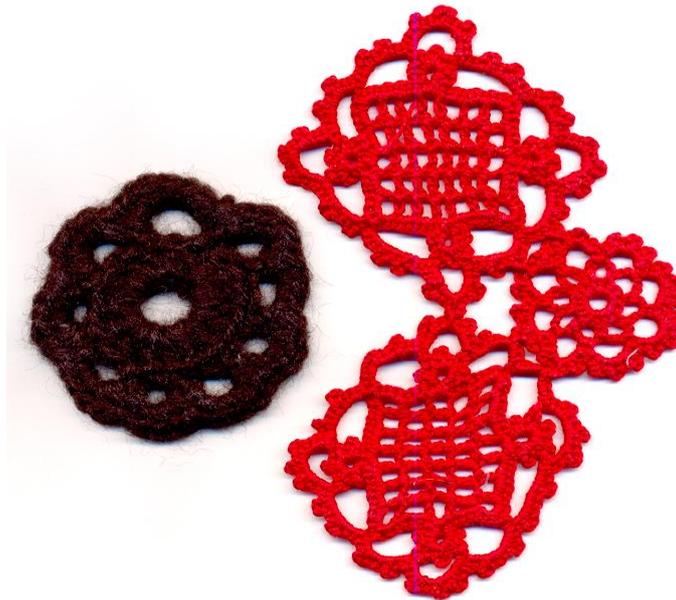


Figura 7: Crochê desenvolvido pela Prof. Esp. Maria Salete Carradore Fernandes  
Fonte: Acervo da artesã.

Com isso, foram definidos três desenhos a partir dos crochês coletados na casa da artesã Dilza Dassoler Vassoler. Após escolhidas as peças, foram realizados fotolitos destas para a gravação das telas serigráficas. Este processo foi realizado por uma empresa especializada no ramo.

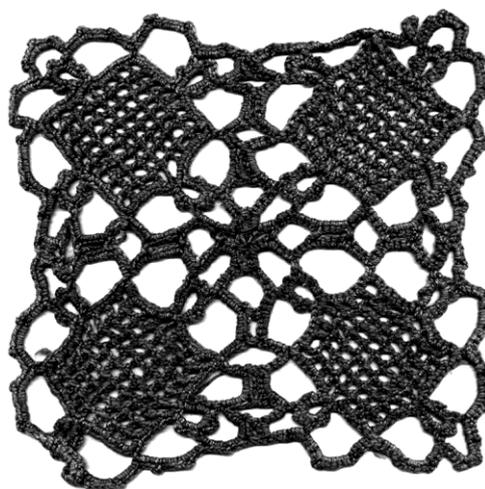


Figura 8: Fotolito desenvolvido através da peça de crochê.  
Fonte: Acervo da autora

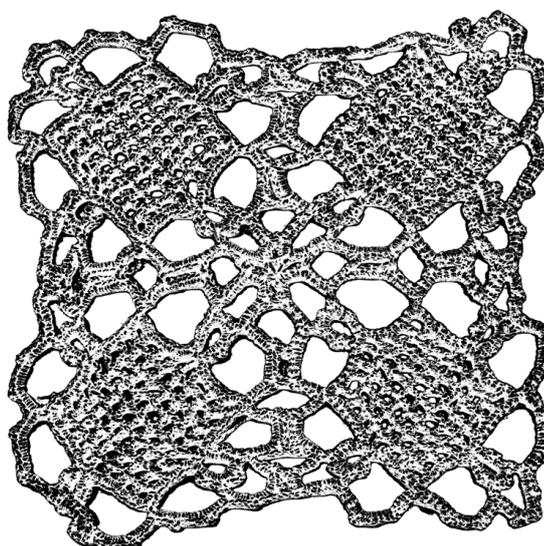


Figura 9: Fotolito desenvolvido através da peça de crochê.  
Fonte: Acervo da autora.

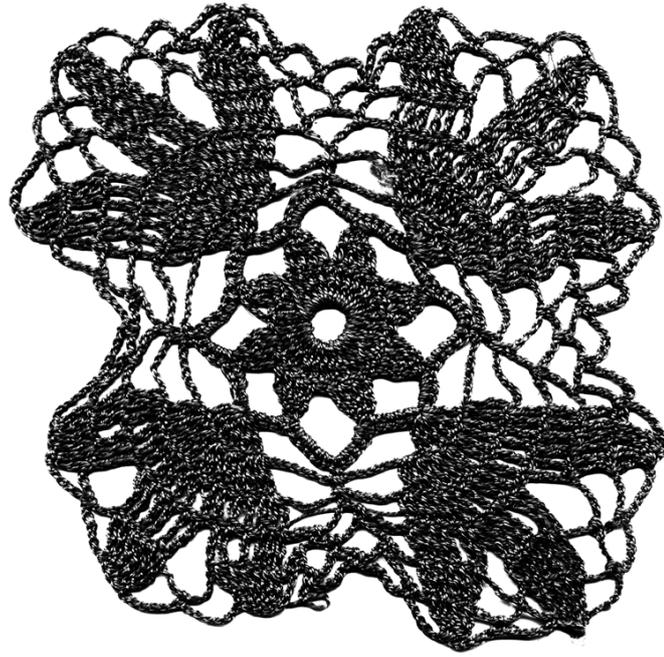


Figura 10: Fitolito desenvolvido através da peça de crochê.  
Fonte: Acervo da autora.

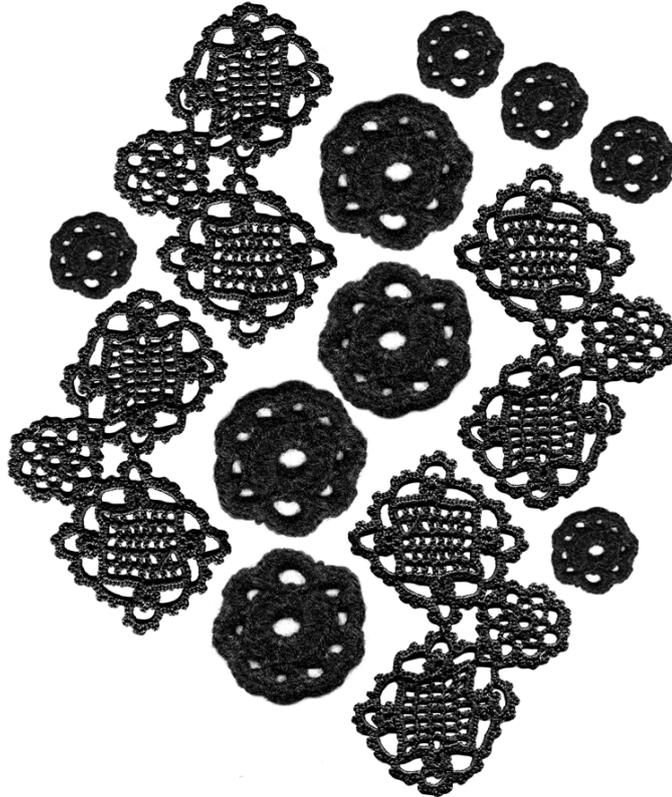


Figura 11: Fitolito desenvolvido através da peça de crochê.  
Fonte: Acervo da autora.



Figura 12: Fitolitos com as imagens de crochê  
Fonte: Acervo da autora

De acordo com Ferreira (1994, p. 136), o processo da serigrafia como técnica de gravura artística foi aceito apenas a partir de 1967, embora tenha sido criada em meados do século XIX, e é empregado como técnica artística desde 1946, nos Estados Unidos.

A serigrafia é uma técnica de gravura chamada gravura permeográfica, onde a tinta é impressa através de uma malha fina esticada em um bastidor de madeira ou metal. O processo de transferência da imagem para a tela acontece com a revelação das imagens através dos fotolitos e a emulsão fotográfica que é colocada na tela serigráfica. Tendo em mãos estas telas, os desenhos são transferidos para a tela ou tecido através da estampagem com tinta e o rodo serigráfico.



Figura 13: Gravação das telas serigráficas através do fotolito  
Fonte: [http://wn.com/Silk-screen\\_Rapido](http://wn.com/Silk-screen_Rapido)



Figura 14: Tela serigráfica gravada com os desenhos de crochê.  
Fonte: Acervo da autora.

Ainda, nas palavras de Ferreira (1994), a serigrafia adquiriu enorme importância nas artes gráficas e consiste em

[...] obstruir, num tecido de seda estendido num caixilho, como um bastidor de bordar, as zonas que não devem imprimir. Aplicada esta trama de seda sobre o suporte, comprime-se sobre ele a tinta, em movimentos contínuos, com um pequeno rodo de borracha, e, assim, onde o “clichê” não está obstruído, a tinta se infiltra e deposita no suporte formando a imagem. (FERREIRA, 1994, p. 133).

A tela de seda (matriz serigráfica) citada acima é, de acordo com Ferreira (1994), apenas um dos tecidos que hoje são utilizados. O mais comum é a utilização de tecidos de nylon e de poliéster.

Quanto à importância e extensão da serigrafia enquanto arte, o autor *op cit* complementa:

Mas a serigrafia se presta a impressão nos mais variados suportes e admite toda espécie de tintas, uma de suas grandes vantagens, sendo também a de permitir variar a camada de tinta depositada no papel, que pode ser quatro vezes mais consistente que a tipografia. (FERREIRA, 1994, p. 133).

Por estes e outros fatores, a serigrafia foi escolhida como técnica para a confecção do objeto artístico. Devido ao seu caráter dinâmico, esta técnica confere diversas possibilidades à composição artística.

Abaixo, seguem as imagens do processo de impressão e posterior montagem da peça – objeto artístico.



Figura 15: Processo de impressão dos desenhos através das telas serigráficas.  
Fonte: Acervo da autora.



Figura 16: Tela serigráfica após impressão  
Fonte: Acervo da autora.

Após ser impresso, o suporte foi costurado. O mesmo foi confeccionado em tecido de poliéster, formando tiras, pois foram reaproveitadas sobras da setor gráfico (telas serigráficas) caracterizando-se por ser, portanto, um suporte de material reciclado.



Figura 17: Costura do suporte – tecido  
Fonte: Acervo da autora

Para a primeira peça, foram empregadas tiras brancas e amarelas do mesmo tecido – poliéster. Já para a segunda obra, o material escolhido foi o algodão cru.

Após o processo de impressão e costura, foram inseridos os crochês criados especialmente para compor parte do objeto de arte.



Figura18: Processo de confecção das peças de crochê para aplicação  
Fonte: Acervo da autora

Os crochês foram feitos em quantidade para servirem como elementos visuais que destacassem o objeto - crochê feito à mão. Desta forma, os mesmos foram costurados ao corpo do objeto de forma aleatória.



Figura 19: Processo de realização do objeto de arte.  
Fonte: Acervo da autora.



Figura 20: Processo de realização do objeto de arte.  
Fonte: Acervo da autora.



Figura 21: Detalhe do objeto de arte.  
Fonte: Acervo da autora.



Figura 22: Detalhe do objeto de arte.  
Fonte: Acervo da autora.

Uma única matriz pode proporcionar simultâneas impressões, permitindo o uso da cor junto às diversas tonalidades, à obtenção de traços, à produção de infinitas texturas, gerando efeitos visuais plásticos ilimitados e surpreendentes. É o processo artesanal como caminho para a produção do objeto artístico: a serigrafia com enfoque de obra de arte.



Figura 23: Objeto de arte intitulado Objeto/Crochê I.  
Fonte: Acervo da autora

Esta é a obra pronta, que recebeu o título “Objeto Crochê I”. A mesma tem dimensão de 1,30 x 1,60 m, e está esticada sobre um bastidor de madeira. Como é possível perceber no resultado, o princípio básico da serigrafia é relacionado ao mesmo princípio do estêncil, uma espécie de máscara que veda áreas onde a tinta não deve atingir o substrato (suporte). E isso em muito se assemelha à obra de Beatriz Milhazes.

A segunda obra, confeccionada a partir das mesmas matrizes da obra anterior, só que com uma outra proposta: a sobreposição. A mesma foi impressa sobre algodão cru, o que resultou em formas e cores mais suaves. Possui dimensão de 0,70 x 0,70 m, e também está esticada sobre um bastidor de madeira. Como título, recebeu o nome de “Pintura/Colagem II”.



Figura 24: Objeto de arte intitulado Pintura/Colagem II.  
Fonte: Acervo da autora.

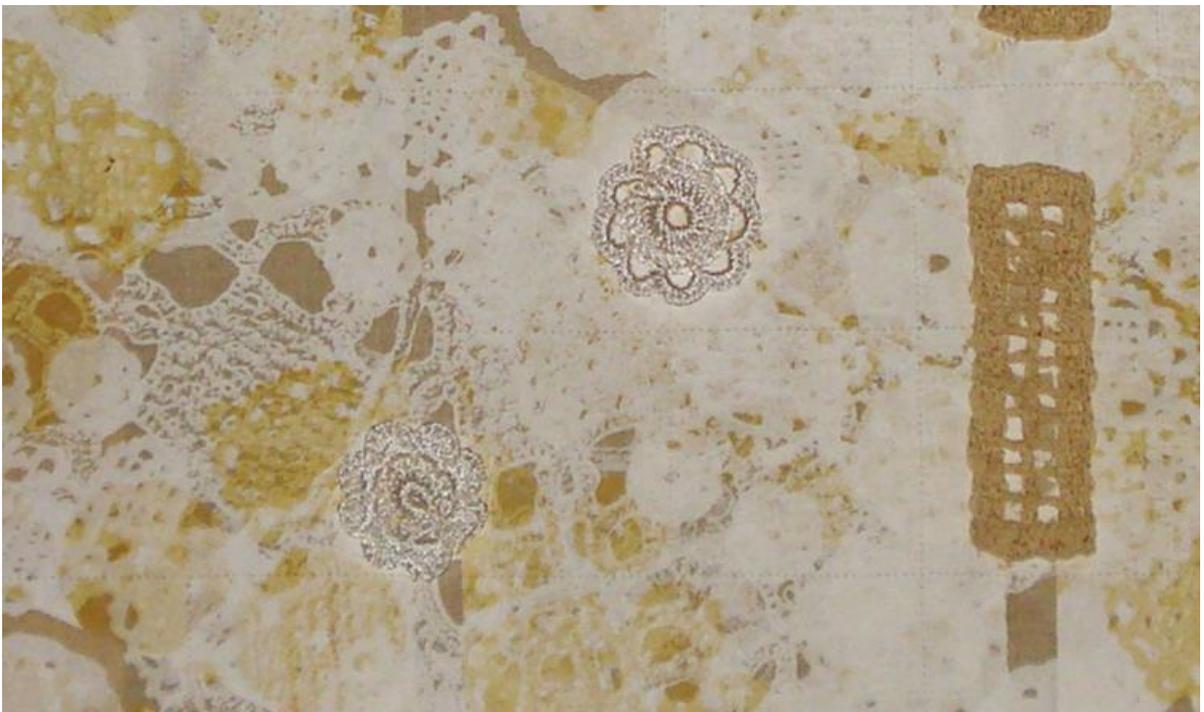


Figura 25: Detalhe Pintura/Colagem II.  
Fonte: Acervo da autora.

Pode-se destacar que os crochês foram criados subvertendo sua função primeira de compor um trilho para mesa ou uma toalha como objeto de artesanato. Os crochês foram criados destacando sua cor, seu desenho, suas linhas e formas para que, como elementos isolados, possam ser inseridos como elementos visuais no objeto de arte que se propôs criar.

#### 5.4 A REFLEXÃO DO OBJETO DE ARTE - O QUE TRAZ DO ARTESANATO A ARTE?

Muitos artistas adotaram a serigrafia enquanto linguagem e técnica. A serigrafia é conhecida enquanto uma linguagem gráfica artesanal, devido a todo o processo empregado até o produto final.

Todo o processo técnico da confecção do objeto de arte através da serigrafia, que segue descrito, a começar pela produção da amostra do crochê, teve, obviamente, uma produção artesanal, pois o artesanato tem muito do desenvolvimento de uma técnica.

Após a escolha da peça de crochê, confecção dos fotolitos e telas, o processo serigráfico foi eminentemente artesanal. Para a confecção do fotolito e da matriz, várias etapas manuais foram realizadas, pois a serigrafia é um processo artesanal de impressão, mesmo sendo realizado em empresa especializada. Da mesma forma ocorreu o processo de "gravação" da tela através do processo de fotosensibilidade - onde a matriz foi preparada com uma emulsão fotosensível e foi colocada sobre o fotolito, numa mesa de luz, a fim de gravar a imagem do mesmo. Ou seja, um trabalho bem artesanal e minucioso, semelhante ao processo de revelação fotográfica.

Também a montagem da tela pode ser considerado artesanal. A mesma foi confeccionada como auxílio de um marceneiro e consiste em uma operação de grande importância, pois uma boa montagem com o tecido bem esticado e bem plano são fatores fundamentais na perfeita reprodução da imagem. A montagem manual é a forma mais utilizada quando é feita com tecidos como o nylon, seda ou poliéster em molduras de madeira.

A produção artesanal estende-se, também, à aplicação da tinta com o rodo na matriz, levando em consideração a pressão exata exigida pelo tipo de tinta e pelo suporte. É um processo manual e metódico, que determina a qualidade final da peça.

A base do objeto artístico – o suporte – também passou por uma produção artesanal: a costura e a montagem. Foram recortadas várias tiras e posteriormente costuradas. Após o término da obra, a mesma foi esticada num bastidor com o auxílio de pregos.

Portanto, este relato encerra, aqui, tudo o que há de artesanal na produção deste objeto de arte. Sabe-se que processos artesanais são comuns praticamente todas as formas de arte, pois fazem parte do caminho percorrido até sua completa criação.

Pode-se dizer, por fim, que os caminhos da arte esbarram, sim, nos processos artesanais e estes possuem relações interdependentes desde o início até o fim do processo.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Responder ao problema de pesquisa aqui elencado não se fez uma tarefa simples. Inúmeras questões estão intrínsecas ao fazer artístico e ao fazer artesanal. Entretanto, as questões mais visíveis foram, talvez, aquelas historicamente construídas no imaginário popular.

São exatamente estas questões que continuam por distorcer os conceitos atuais e que acabam por dificultar sua renovação, fazendo com que muitos ainda tenham um conceito de arte bitolado puramente às práticas de pintura.

A proposta aqui é reservar a expressão “artesanato” ao processo de construção do objeto, seja ele manual ou com uso de instrumento, independentemente de serem mãos eruditas ou populares que o fazem.

Segundo o prof. Eduardo Barroso Neto (2001), podemos compreender como artesanato toda a atividade produtiva de objetos e artefatos realizados manualmente, ou com a utilização de meios tradicionais ou rudimentares, com habilidade, destreza, apuro técnico, engenho e arte. Ainda, para ele, o artista difere do artesão por possuir um compromisso permanente com a inovação e com seu tempo, exteriorizando sua visão própria do mundo, diferente do artesão, para quem a inovação é casual e fruto do fazer.

Do mesmo modo, discursar sobre objetos de artesanato – peças de crochê, transformados em obra de arte por um processo eminentemente artístico, implica em questionar acerca das novas funções que este objeto passa a se destinar. Por exemplo, o que antes era utilizado como adorno de um centro de mesa ou criado mudo, por exemplo, foi repensado enquanto elemento estético fundamentado em conceitos artísticos e intelectuais e passou por um novo processo de construção.

Esta questão pode estender-se, inclusive, aos objetos de artesanato, desde que se faça uma análise que envolva os fundamentos acima. Portanto, não são questões exclusivas das obras de arte. Entretanto, não há muito sentido em serem adotadas por artesãos que fazem, repetidas vezes, o mesmo processo de produção.

Por isso, os elementos reflexivos e intelectuais são, via de regra, exclusividades das artes e não do artesanato, haja vista sua maior proximidade com estes elementos.

O problema de pesquisa aqui elencado trazia o questionamento acerca da possibilidade de estreitar – ou até mesmo extinguir – as fronteiras entre a arte e o artesanato. Em vista das respostas das mulheres através dos questionários, pode-se dizer que sim. Em sua fala, mesmo que desprovida de estudo específico, elas demonstram que esta é uma barreira facilmente transposta pelo contexto ao qual a peça está inserida. Também a produção do objeto de arte trouxe uma importante resposta a este questionamento, pois a estética da peça tomou outra dimensão, que não a do artesanato, ficando com ares totalmente contemporâneos.

Esta experiência artística comprova que, mesmo partindo do artesanato que, neste caso era composto de peças de crochê, a arte pode, sim, estreitar suas relações com o artesanato e este, em contrapartida, pode servir de chão para a produção do objeto artístico de inúmeras formas, tantas a arte contemporânea permitir.

Através do aprofundamento do estudo teórico da arte e do artesanato, relacionando o saber científico à sabedoria popular das mulheres questionadas e conhecendo melhor o contexto do Clube de Mães de Forquilha, foi possível verificar que os trabalhos confeccionados pelas integrantes do grupo podem, sim, ser a ponte para a construção do objeto artístico, reduzindo e até mesmo extinguindo a separação destes termos que em tanto se parecem.

## REFERÊNCIAS

ASHOKA, Empreendedores Sociais. **Negócios sociais sustentáveis** – estratégias inovadoras para o desenvolvimento social. São Paulo: Petrópolis, 2006.

BARBOSA, Ana Mãe (org.); EISNER, A.; OTT, R. W. **Arte-educação**: leitura no subsolo. São Paulo: Cortez, 1998.

BEUTTENMÜLLER, Alberto Frederico. **Viagem pela arte brasileira**. São Paulo: Aquariana, 2002.

BRITO, Ronaldo. **Experiência crítica**. São Paulo: Mirante, 2003.

BUENO, Francisco da Silveira. **Dicionário escolar da língua portuguesa**. 11ed. Rio de Janeiro: FAE, 1986.

CARLO, Marysia M. R. Prado de. BARTALOTTI, Celina Camargo.(Orgs) **Terapia ocupacional no Brasil**: fundamentos e perspectivas. 2 ed. São Paulo: Plexus, 2001.

DUCASSE, Alain. **Ducasse de A a Z**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

FAJARDO, Elias. **Tintas e texturas**: oficina de artesanato. São Paulo: Senac, 2002.

FERREIRA, Orlando da Costa. **Imagem e letra**: introdução à imagem gravada. 2 ed. São Paulo: Edusp, 1994.

GÓES, Ludembergue. **Mulher brasileira em primeiro lugar**: o exemplo e as lições de vida de 130brasileiras consagradas no exterior. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

INSTITUTO INTERAMERICANO DE COOPERAÇÃO PARA A AGRICULTURA. **Plano regional de desenvolvimento sustentável do Agreste, Potengi e Trairi**: programas e projetos. v. 2. Natal: IICA, 2004.

IABELBERG, Rosa. Disponível em: <<http://aguarras.com.br/2007/05/04/entrevista-com-rosa-iavelberg/>> Acesso em:10 mar 2009.

LAROSSA, Jorge Bondia. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência.** Leituras SME- número 4; julho/2001. Campinas: Fumes.

MARTINS, Leandro. **Monte seu próprio negócio.** São Paulo: Digerati Books, 2007.

MATTOS, Tarcísio. **Feito a mãos** – o artesanato em Santa Catarina. Florianópolis: Tempo Editorial, 2010.

MORAIS, Frederico. **Arte é o que você e eu consideramos arte** – 801 definições sobre arte e o sistema da arte. Rio de Janeiro: Record, 2002.

MOTTA, Paulo Roberto. PIMENTA, Roberto. TAVARES, Elaine. (orgs) **Novas idéias em Administração 2.** Rio de Janeiro: FGV, 2008.

NETO, Eduardo Barroso. **Atividade manual x Artesanato x Arte.** Disponível em < <http://lidis.ufrj.br/blogs/media/blogs/a/ArtesanatoResumEBarroso.pdf> >. 2001. Acesso em: 05 jun 2011.

NOVAES, Sylvia Caiuby (*et al*). **Escrituras da imagem.** São Paulo: Fapesp, 2004.

PÁDUA, Elisabete M. Marchesini de. MAGALHÃES, Lílian Vieira. (Orgs.) **Terapia ocupacional: teoria e prática.** 4 ed. Campinas: Papyrus, 2003.

SHUSTERMAN, Richard. **Vivendo a arte** – o pensamento pragmático e a estética popular. São Paulo: Ed. 34, 1998.

TOLSTOI, Leon. **O que é arte?** São Paulo: Ediouro, 2002.

## APÉNDICES

## APÊNDICE A

### QUESTIONÁRIO

Querida colega, através deste questionário, pretendo reunir informações para fundamentar meu Trabalho de Conclusão do Curso de Artes Visuais – Bacharelado, que tem como tema: A PRODUÇÃO ARTÍSTICA À PARTIR DO ARTESANATO: UM OLHAR SOBRE AS FRONTEIRAS ENTRE A ARTE E O ARTESANATO. Com isso, pretendo entender um pouco mais sobre o que é arte e o que é artesanato. Para isso, necessito de sua colaboração, respondendo a este questionário. Desde já, agradeço sua prontidão!

Daiani Bonetti  
Acadêmica de Artes Visuais - UNESC

#### IDENTIFICAÇÃO

- Idade?

- até 30 anos
- 31 a 40 anos
- mais de 40 anos

- Escolaridade?

- nunca frequentou a escola
- séries iniciais (1ª a 4ª série)
- séries finais (5ª a 8ª série)
- ensino médio
- ensino superior

- Há quanto tempo frequenta o Clube de Mães?

- menos de 1 ano
- de 1 a 5 anos
- mais de 5 anos

- Há quanto tempo desenvolve trabalhos artesanais? (mesmo antes de entrar no Clube)

- menos de 1 ano
- de 1 a 5 anos
- mais de 5 anos

## QUESTIONÁRIO

1. Por qual motivo frequenta o Clube de Mães? (assinale quantas opções quiser)

- para relaxar  para aprender coisas novas  
 para refletir  para praticar e se profissionalizar  
 para ter uma ocupação  para aumentar a renda familiar  
 para desenvolver habilidades  para interagir com o grupo  
 para desenvolver a criatividade  para fazer amigos  
 para participar de exposições  para desenvolver coordenação motora  
 outros motivos \_\_\_\_\_

2. O que mais gosta de produzir?

- pintura  
 cerâmica  
 bordados  
 tapeçaria  
 crochê/tricô  
 outros \_\_\_\_\_

3. Qual sua fonte de inspiração para produção das peças?

- peças/amostras dos professores/instrutores  
 troca de aprendizado com as amigas/frequentadoras do Clube  
 revistas/encartes/televisão/internet  
 ideias e criações pessoais  
 uma mistura de tudo isso

4. Na sua opinião, você acha que a sua produção no Clube de Mães deve ser considerada arte ou artesanato? Por quê?

---

---

---

---

- 
- 
5. Você se considera uma artista ou apenas reproduz uma técnica que aprendeu? Fale um pouco sobre sua opinião.

---

---

---

---

---

---

6. Você considera sua produção uma cópia (uma reprodução exata do que lhe ensinaram) ou você costuma criar peças únicas através de sua própria inspiração e criatividade? Comente um pouco a respeito.

---

---

---

---

---

7. Você acha que seu trabalho é reconhecido, é valorizado? Quando vende uma peça, consegue realmente cobrar o valor do trabalho que lhe deu todo o processo de criação? Gostaria de ser mais valorizada?

---

---

---

---

---

8. Se seu trabalho fosse considerado arte e fosse exposto numa galeria de arte, por exemplo, você teria um reconhecimento diferenciado? Sua peça teria mais valor econômico? Você seria artista ao invés de artesã? O que você acha?

---

---

## UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE

Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais

---

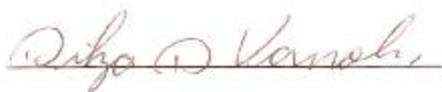
PROFESSORA	Angelica Neumaier	Período : fev 2011
ORIENTADORA		à jul 2011

---

## AUTORIZAÇÃO

Eu, Dilza Darcilene Vassoler  
RG 68/3.175.274, autorizo a aluna Daiani Bonetti a usar as minhas imagens realizadas no Clube de Mães de Forquilha para uso da pesquisa que trata do tema "A produção Artística a partir do artesanato: Um olhar entre as fronteiras entre a arte e o artesanato."

Atenciosamente



Assinatura

## UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE

Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais

---

PROFESSORA	Angelica Neumaier	Período : fev 2011
ORIENTADORA		à jul 2011

---

## AUTORIZAÇÃO

Eu, Ernestina Junke Rocha.....  
RG 1.080.910....., autorizo a aluna Daiani Bonetti a usar as  
minhas imagens realizadas no Clube de Mães de Forquilha para uso da  
pesquisa que trata do tema "A produção Artística a partir do artesanato: Um  
olhar entre as fronteiras entre a arte e o artesanato.

Atenciosamente:

Ernestina Junke Rocha  
Assinatura

## UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE

Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais

---

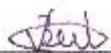
PROFESSORA	Angelica Neumaier	Período : fev 2011
ORIENTADORA		à jul 2011

---

## AUTORIZAÇÃO

Eu, Valdete Benquelo Berti  
RG 6/R 1.940.538, autorizo a aluna Daiani Bonetti a usar as  
minhas imagens realizadas no Clube de Mães de Forquilha para uso da  
pesquisa que trata do tema "A produção Artística a partir do artesanato: Um  
olhar entre as fronteiras entre a arte e o artesanato.

Atenciosamente



Assinatura

## UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE

Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais

---

PROFESSORA	Angelica Neumaier	Período : fev 2011
ORIENTADORA		à jul 2011

---

## AUTORIZAÇÃO

Eu, M<sup>te</sup> Sálvia Cavalcanti Pereira  
RG 1.092.850, autorizo a aluna Daiani Bonetti a usar as  
minhas imagens das amostras de crochê que cedi para uso da pesquisa que  
trata do tema "A produção Artística a partir do artesanato: Um olhar entre as  
fronteiras entre a arte e o artesanato.

Atenciosamente

M<sup>te</sup> Sálvia Cavalcanti Pereira  
Assinatura